

**Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional**

Observatório das Metrôpoles

B

A conexão entre as hipóteses
levantadas e o trabalho
de campo não fica muito
clara.

***O efeito do lugar e a escolarização de
crianças em estabelecimentos públicos***

Carolina Zuccarelli Soares

Orientador: Luiz César de Queiroz Ribeiro

Rio de Janeiro

Dezembro
2006

I. Introdução

A questão da educação ganha notoriedade nas agendas políticas de governo inserida num contexto de globalização e fluxo de informações. Diante de novos padrões de produtividade e competitividade, impostos pelo avanço tecnológico, a instituição escolar passa a ter um papel central no acesso ao mercado de trabalho. Ampliada a demanda escolar, assiste-se ao processo de universalização do acesso ao ensino no Brasil. O ensino fundamental praticamente se democratizou, já que a taxa de escolarização da população de 7 a 14 anos que em 1991 era de 86% passa para 96% em 2000. Os demais níveis educacionais (ensino infantil, médio e superior) também registraram crescimentos significativos. Problemas ainda graves como repetência, distorção idade-série e evasão escolar foram alvos de políticas como a adoção de sistemas de ciclos e programas de incentivo à frequência à escola como o Bolsa Escola, atualmente incorporado ao Bolsa Família. No entanto, os resultados das avaliações de desempenho realizadas pelo Ministério da Educação sinalizam para um ensino público e gratuito que, apesar de universal, não contribui para a redução das desigualdades. Cada vez mais presente nos discursos políticos, percebe-se agora a ênfase na qualidade do ensino, argumentos que apontam para um sistema de ensino baseado na igualdade de oportunidades, (o direito a educação é uma das grandes promessas da democracia) e a conseqüente inserção sócio-profissional dos setores excluídos da população.

Uma sociedade que não teria seus alicerces educacionais baseados na origem social, que estaria apta a prover um ensino de qualidade a todos. No entanto, a promessa de igualdade, ancorada na universalização do acesso, opõe-se a lógica das sociedades marcadas pelas desigualdades. A estratificação educacional, aqui entendida como a

dependência que tem o sistema de ensino em se desvincular da origem social dos alunos, favorece a reprodução de desigualdades que operam em favor da segregação social dentro dos estabelecimentos de ensino. De acordo com Bourdieu, quando trata das desigualdades frente à escola, o sistema educacional define seu próprio recrutamento, reservando aos indivíduos perspectivas de trajetória escolar associadas a sua pré-estabelecida posição na hierarquia social:

“ Se considerarmos seriamente as desigualdades socialmente condicionadas diante da escola e da cultura, somos obrigados a concluir que a equidade formal à qual obedece todo o sistema escolar é injusta de fato, e que, em toda a sociedade onde se proclamam ideais democráticos, ela protege melhor os privilégios do que a transmissão aberta dos privilégios.”

A recente pesquisa *Segmentação Social, Segregação Urbana, Desigualdade Social: o “efeito vizinhança” e o “efeito escola” na explicação do desempenho escolar de estudantes de quarta-série do ensino elementar* (iniciada em agosto de 2004 e ainda não concluída) desenvolvida pelo Observatório das Metrópoles, coordenado pelo Professor Doutor Luiz César de Queiroz Ribeiro, que avalia o desempenho escolar de crianças da quarta-série do ensino fundamental da rede municipal de ensino, através de provas de linguagem e português, entre outros, aponta dados que sinalizam grandes diferenças de resultados entre alunos do mesmo segmento escolar. Através dessas provas busca-se analisar as relações entre a qualidade da escola e os resultados dos alunos, já que, a avaliação em matemática permite verificar a influência dos fatores escolares e a prova de linguagem a influência das variáveis familiares. Segundo Barbosa (2005) “esses resultados são compatíveis com as hipóteses aventadas por Bourdieu (1979) sobre os níveis diferentes do processo de socialização: a formação do habitus primário ocorreria a partir da vida familiar, também responsável pelo domínio mais ou menos extenso da língua materna. Isso torna as avaliações do desempenho em linguagem muito afetadas pela posição

socioeconômica das famílias dos alunos... É óbvio que o desempenho em matemática é mais claro e fortemente ensinado e, portanto, mais suscetível às características das escolas onde as crianças estudam”

Seguindo a análise desse dados, a verificação de que determinados estabelecimentos de ensino público apresentam bons desempenhos escolares , contrapondo-se `a lógica da Sociologia da Reprodução, nos leva a indagar se, de fato, os mecanismos de reprodução das desigualdades operam em todos os níveis de instituições.

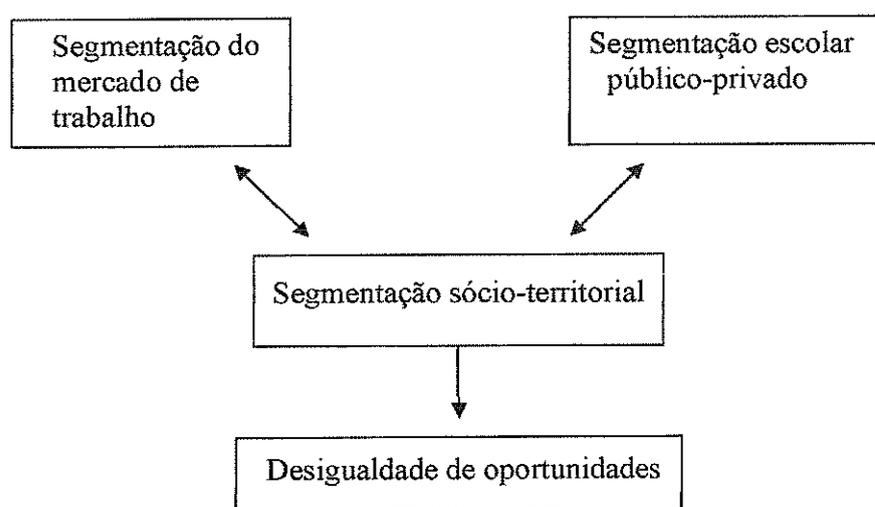
Um dos fatores que podem estar diretamente relacionados com as diferenças de êxito das crianças da quarta-série encontra-se na “geografia de oportunidades” (Flores, 2005) que afetam as chances de vida, implicam nas trajetórias e detém a possibilidade de mobilidade social. Ativos¹, dispositivos culturais, maiores investimentos em infra-estrutura, heterogeneidade sócio-cultural, maior possibilidade de imersão em um sistema cultural que é o legitimado frente ao saber escolar são noções do entendimento da chamada “geografia de oportunidades”.

A constatação, segundo Bourdieu, de que a cultura escolar esta próxima a cultura da elite, que estamos diante de um sistema voltado para a transmissão da cultura aristocrática, leva-nos a crer que uma maior heterogeneidade social no sistema educacional favorece o desempenho escolar, principalmente daqueles que não fazem parte das camadas mais privilegiadas da sociedade. Bourdieu afirma ainda que as crianças de meio favorecido “herdam” , de maneira osmótica, os saberes legitimados diante da escola, consagrando, dessa forma, a transmissão do capital cultural² . Se de fato a escola ignora, no âmbito dos conteúdos de ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de

¹ Segundo Kaztman (2001) recursos que geram recursos

² De acordo com Bourdieu, a relação entre a esfera simbólica e práticas culturais com a estrutura social.

avaliação, as desigualdades culturais entre crianças de diferentes classes sociais, então a convivência com crianças de outros estratos da camada social permitiria o desenvolvimento de códigos comuns para a apropriação da cultura escolar e a construção de redes de solidariedade que podem fazer diferença na futura incorporação ao mercado de trabalho. Uma boa inserção nos mercados de trabalho se dá, de acordo com Bourdieu, através de uma combinação entre capital cultural, e capital social, relacionado as suas redes de sociabilidade e ao trânsito do indivíduo dentro dessas redes. Essas noções, no entanto, estão plenamente adequadas a realidade dos países da Europa (notadamente França). Ao utilizarmos o modelo de Bourdieu para analisar a inserção dos indivíduos nos mercados de trabalho das economias periféricas, tais como o Brasil, torna-se imprescindível não perder de vista a indissolúvel fusão entre capital econômico e capital cultural, levando em consideração as implicações do segundo sobre o primeiro.



Tratando todos os educandos como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção as desigualdades iniciais diante da cultura.

2. A cidade restrita

A segregação residencial³, implica numa privação material de dispositivos urbanos sem precedentes. O isolamento social de alguns setores da população converte-se num entrave a acumulação de ativos que favoreceriam a integração social. Conforme o cenário vai mudando, e as classes mais favorecidas vão tomando-se predominante no território, percebe-se um maior investimento nos serviços públicos em geral. No Rio de Janeiro, com sua geografia tão particular, onde ricos e pobres convivem no mesmo espaço urbano, a plena disponibilidade de recursos públicos, dispositivos urbanos de cultura e entretenimento favorecem as classes menos privilegiadas que habitam, por exemplo, as favelas da Zona Sul.

Nesse sentido, partiu-se da idéia de que áreas mais favorecidas economicamente e culturalmente do Rio de Janeiro, caso da Zona Sul, possibilitariam um maior contato com tais oportunidades, favorecendo o desempenho escolar, já que viabilizaria mecanismos de integração social e o contato com outras redes de sociabilidade.

No entanto, a posterior análise dos dados revelou que algumas escolas localizadas na Zona Sul carioca apresentaram um dos piores desempenhos quando comparadas as demais estudadas, a saber, escolas na Zona Norte e Zona Oeste. Uma das explicações pode estar no fato de nessas escolas não haver a heterogeneidade sócio-econômica de seus educandos, os alunos são oriundos dos morros do entorno, reproduzindo na escola aquilo que vivem em sua vizinhança, ou seja, padrões normativos que refletem seus gostos comuns, muitas vezes em contraste com a dinâmica escolar⁴. A segregação social pode ser

³ Entende-se por segregação residencial espaços de composição social homogênea, locais de habitação predominantemente ocupados por pessoas de situação sócio-econômica linear, tais como as favelas do Rio de Janeiro. Busca-se a tentativa de ilustrar esse contraste quando observada uma favela de um bairro da Zona Sul carioca

⁴ Padrões lingüísticos, comportamentos agressivos e desrespeitosos, descrença com a instituição escolar, poder legitimado de algumas crianças ligadas ao tráfico que contrasta com o poder do corpo docente, entre outros.

absoluta mesmo em espaços onde a segregação espacial é mínima. Crianças que vivem em vizinhanças segregadas são coletivamente e institucionalmente socializadas de uma forma que perpetua a pobreza de uma geração a outra. A segregação residencial impede certas oportunidades de acumulação de capital social e principalmente aquilo que Maria Alice de Carvalho chamou “acesso `a cidade”. A “cidade escassa”, segundo a autora, não reserva espaços divididos de forma democrática no que diz respeito a opções de lazer e cultura. Os locais de divertimento privados e com altos custos fazem com que a sociabilidade com camadas mais elevadas da população seja difícil para jovens de favelas em geral. Estes não costumam freqüentar cinemas, teatros, museus, por mais que tais dispositivos culturais estejam próximos ao seu local de residência.

A “geografia de oportunidades” torna-se inviável frente a segregação residencial e escolar. Crianças de classe média habilmente não freqüentam escolas municipais, sendo estas tidas como “escola para pobres” (é recorrente a opinião, na fala dos educadores e da sociedade, de que a escola pública de antigamente era melhor por ser freqüentada pela classe média).

A instituição escolar, diante de tamanha segregação sócio-escolar, esvazia seu objetivo de educação e socialização e acaba se tornando um “depósito de crianças”, onde o esforço docente acaba por se diluir nas ondas de violência e desrespeito vivenciados nesses ambientes. Por outro lado, os profissionais de ensino não se sentem estimulados ao lidar com realidade tão perversa, fazendo do seu cotidiano na escola aquilo que se assemelha a um trabalho burocrático, desanimado e repetitivo. De fato, presenciei diversas vezes no discurso de professores da quarta-série afirmativas como “essas crianças não tem jeito”, “venho para cá só para gastar dinheiro de passagem”, ou “esses paraibas e favelados não

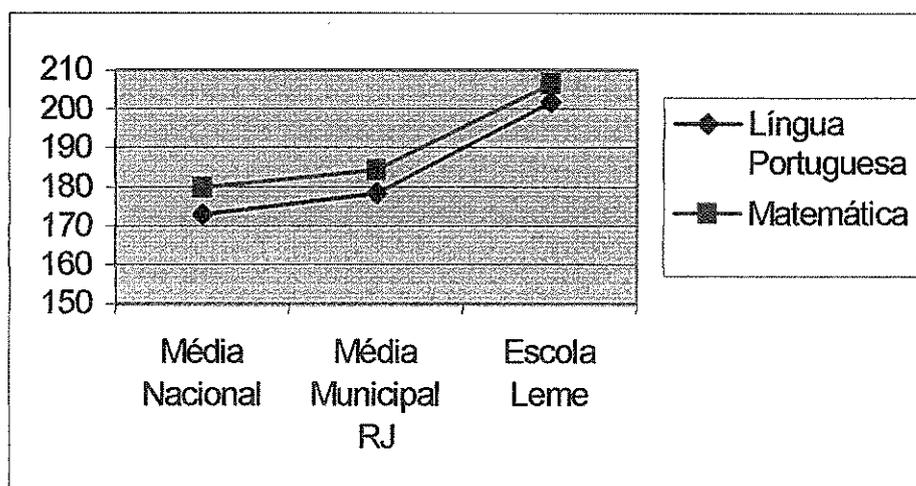
conseguem aprender nada”, deixando claro, mesmo que não intencionalmente, o preconceito que nutrem pelos seus alunos. No entanto, é preciso ressaltar os diversos profissionais de ensino que permanecem buscando melhorias no funcionamento da escola.

3. A escola como objeto de uma etnografia urbana

É intenção deste estudo analisar etnograficamente como uma escola municipal pode se opor a lógica da sociologia da reprodução, onde as análises aceitam o diagnóstico de que “escola não faz diferença”, numa visão pessimista na qual a escola seria apenas ou reprodutora das desigualdades sociais ou reflexo das forças do mercado.

Para elucidar tais hipóteses, proponho uma interpretação qualitativa dos dados observados no trabalho de campo realizado no ano de 2006 em uma Escola do Ensino Fundamental Municipal localizada no Leme, bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro.

Através de dados fornecidos pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), como a Prova Brasil, pude verificar o excelente desempenho da Escola do Leme comparada a média nacional e municipal. Abaixo o gráfico com as médias nacionais, municipais e da Escola do Leme obtidas nas provas de português e matemática aplicadas pelo INEP no ano de 2005.



A proposta de uma etnografia urbana torna-se viável para o entendimento da cidade como um todo: deixa-se de lado a perspectiva macro, que pensa a cidade como “ resultado de forças econômicas transnacionais, das elites locais, de *lobbies* políticos, variáveis demográficas, interesse imobiliário” (Magnani, 2002) e privilegia-se as redes de sociabilidade e a apreensão de determinados padrões de comportamento de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos. Dessa forma, alguns aspectos da dinâmica urbana que passariam despercebidos das visões mais globais da cidade, podem aqui ser apreendidos através da análise antropológica e da mudança de foco que ela possibilita. Aquela dicotomia que nos grandes centros urbanos opõe os indivíduos e as instituições urbanas aqui serão postas de lado. Inúmeras pesquisas quantitativas, de surveys e estatísticas são capazes de revelar fatores ou aspectos macro do ensino público. Muitas vezes adequadas ao desenvolvimento de políticas públicas, os dados fornecidos pelas pesquisas quantitativas também podem ser analisados do ponto de vista qualitativo e é desta forma que ganha força uma proposta de etnografia “de perto e de dentro”.

Este trabalho pretende desenvolver um roteiro de observações e entrevistas que dêem conta da problemática acima exposta. Será feita uma análise antropológica do cotidiano da escola através de, a título de exemplos, observação da entrada e saída dos estudantes para a análise das relações sociais específicas de cada aluno ou de um grupo de alunos; observação do ambiente da escola como forma de compreensão sobre os diferentes atores e seus papéis sociais na escola; observação do recreio para identificação de grupos de afinidade e rejeição e compreensão de visões de mundo e projetos de vida relacionado às experiências escolares e/ou de moradia no bairro; observação de aulas de uma turma

selecionada da quarta-série; participação nas reuniões de pais e verificação da relação destes com a escola; entrevistas com os professores, diretores e outros funcionários; conversa com os alunos de quarta-série (selecionados de acordo com o desempenho) que revelem sua percepção sobre a escola, bairro que vive, amigos e família. Também será feito uso de atividades lúdicas que estimulem a análise das crianças sobre a interação com a vizinhança (desenho do trajeto casa-escola e apreensão do enfoque que é dado aos dispositivos urbanos do seu entorno).

4. O trabalho de campo

Uma breve introdução sobre o modo como se forma o quadro de profissionais das instituições escolares públicas de ensino é necessário para entendermos a dinâmica do funcionamento da escola. O regime de contratação e o de dedicação dos profissionais é objeto de normatização interna de cada sistema de ensino bem como da esfera administrativa (federal, estadual, municipal ou particular) responsável pela contratação, e o ingresso ocorre por concurso público de provas e títulos.

Com relação aos dirigentes da escola, estes normalmente são escolhidos através de eleições que envolvem os funcionários da escola, os pais dos alunos, moradores da comunidade, entre outros. Em alguns casos pode ocorrer através da indicação da Secretaria de Educação. A cargo da gestão da escola, o diretor não tem o poder de selecionar seu quadro de funcionários, fato que contribui para uma constante rotatividade no interior da instituição. De acordo com o tempo de carreira, os professores têm privilégios para o trânsito dentro da rede de ensino, buscando a transferência para escolas “mais atraentes”, impedindo, dessa forma, a consolidação de equipes estáveis e de um projeto pedagógico

Meu próximo encontro foi com a professora de uma das quatro quartas-séries (duas no turno da manhã, as outras `a tarde) existentes no colégio. Como deveria direcionar meu estudo para uma análise mais focada, optei pela professora que pareceu mais receptiva `a pesquisa já que, segundo o diretor, não havia diferenças entre as turmas.

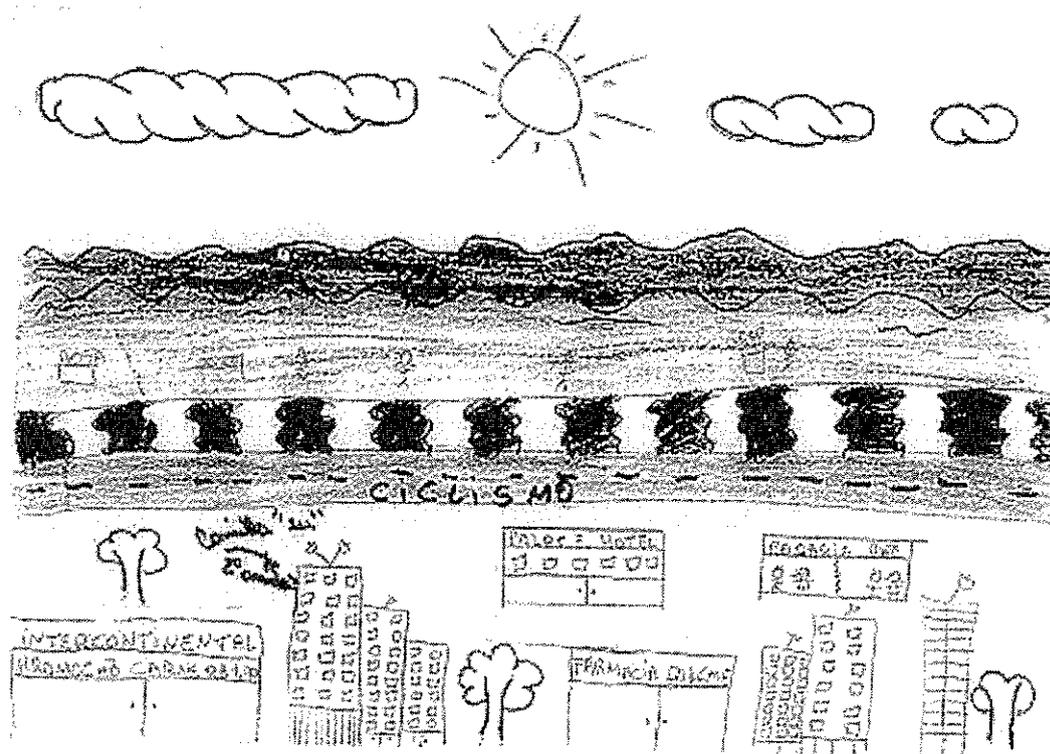
As sequenciadas idas `a campo após esse primeiro encontro proporcionaram-me alguns apontamentos que sinalizam em direção a uma diferenciação no interior do sistema público no que tange `as condições necessárias para garantir um produto educacional de qualidade.

Entre outras, pude constatar a grande diversidade sócio-econômica dos educandos atendidos por essa escola. São crianças do Morro Chapéu Mangueira, filhos de militares servidores do Forte do Leme, filhos de porteiros que trabalham próximo a escola e crianças moradoras do bairro do Leme e Copacabana (alguns poucos estudantes são moradores da Rocinha). A heterogeneidade social é grande, possibilitando a imersão em um sistema cultural que é o legitimado frente ao saber escolar. Tal heterogeneidade é possibilitada, em grande parte, pela localização da escola.

Nesse sentido, a constatação de que a sociabilidade dos moradores do Leme com os moradores do Chapéu-Mangueira, bem como a relação que eles mantêm com o espaço oferecido pela comunidade, como centros esportivos, atividades culturais, entre outras, é ilustrativo da integração, pode-se dizer ate diferenciada, que há entre os habitantes desse espaço. Importa aqui mostrar que talvez a heterogeneidade que se observa dentro da instituição de ensino seja um reflexo da maior interseção verificada no bairro do Leme.

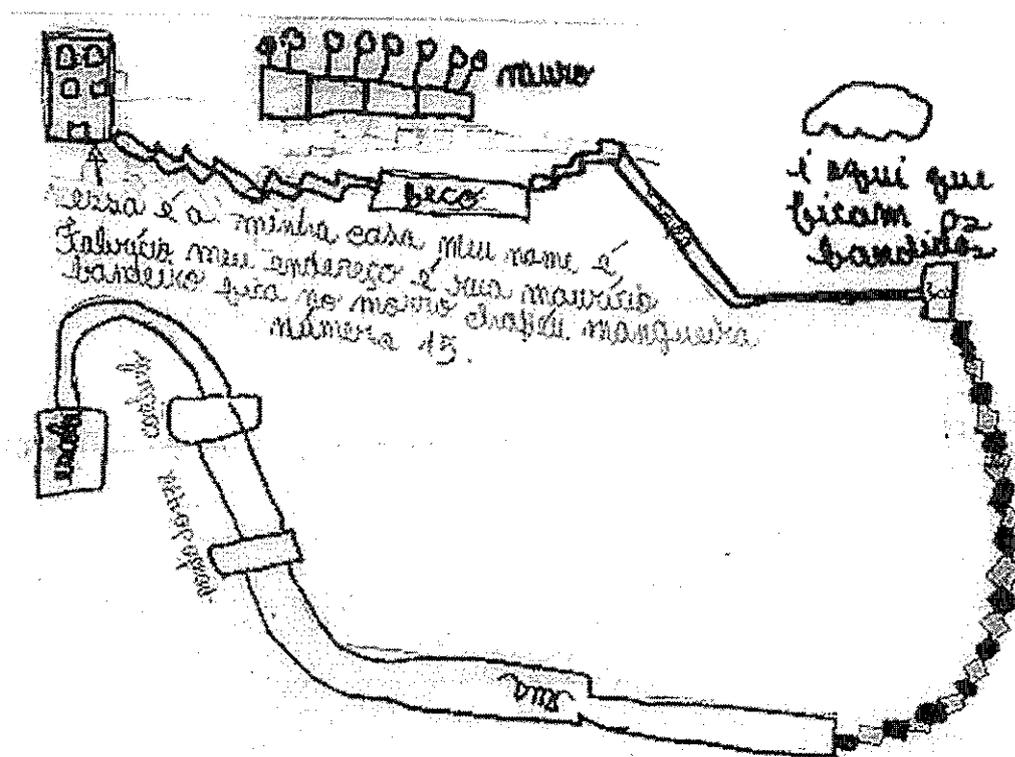
Na tentativa de avaliar a relação que os alunos da quarta-série estabeleciam com o bairro e vice-versa, pedi a eles que desenhasssem o trajeto feito por eles da casa até a escola e escrevessem o que mais gostavam e o que menos gostavam nesse percurso. Abaixo o

desenho feito por duas crianças, casos representativos das diferentes realidades vivenciadas por essas crianças fora da escola e que, a princípio, poderiam ser um entrave ao aprendizado para aquele em situação de maior fragilidade.



O primeiro estudante, uma menina, ao sair de casa encontra em seu trajeto o mercado, a padaria, a farmácia, a praia. A paisagem urbana que a circunda é a de um bairro nobre da Zona Sul e todos os seus dispositivos. Indagada sobre o que não gostava no bairro, disse que era dos mendigos que dormiam na rua e o que mais gostava era da praia. Pude acompanhá-la, junto com sua mãe (que a leva e busca todos os dias na escola) da saída da escola até sua casa. No caminho paramos em alguns camelôs para a compra de prendedores para a menina e na farmácia também. No caminho a mãe me perguntou se eu sabia do “romance” de sua filha com outro menino da sala. O menino em questão mora no Chapéu-

Mangueira, o pai é pedreiro e a mãe está desempregada. Afirmei que por alto sabia de alguma coisa e logo em seguida perguntei sua opinião sobre eles. Ela afirmou que o garoto era bem educado, estudioso e que para ela era isso que importava. Sabia que não tinham futuro juntos, pois eram muito jovens, mas em nenhum momento pensou em afastá-los devido a condição estigmatizada característica dos moradores de morro: “Não me importa que ele seja do morro, seu pai é honesto, trabalhador, é um bom exemplo pro filho. O menino tem chance de estudar, coisa que o pai não teve.”



O segundo aluno, é um menino morador do Chapéu-Mangueira. No seu trajeto, após subir as escadarias que dão acesso ao morro e a sua casa, chega no beco, o lugar onde ficam os bandidos. Escreve assim no verso de seu desenho: “Eu gosto dos prédios e da praia. E o que eu não gosto é dos bandidos que passam no beco armados”.

Claro está as situações diversas que cada criança vivencia em seu cotidiano. Se por um lado, uma não experimenta a sensação de medo e receio ao ir para casa a outra o vive todo o dia. Na busca de resultados diferentes e também da percepção da professora com relação a esses alunos fiz uma comparação entre suas notas e pedi a professora que me falasse um pouco deles. Ambos possuem notas boas, são, de acordo com a professora, bons alunos, atenciosos e estudiosos. Perguntei então o que fazia esta escola ser diferente das demais em termos de resultado e então ela afirmou: “São os alunos que fazem a escola. alguns alunos nesta sala não tem jeito porque vem de casa assim. Outros, melhores educados, conseguem aprender mais... Minha função aqui é passar a eles o conteúdo que eles devem aprender”. A opinião de que quem faz a escola são os alunos, já em descrédito pelos estudiosos da educação, é ilustrativa do posicionamento da professora com seus educandos. Não os discrimina pela moradia mas sim por seus resultados. Piores alunos sentam no fundo da sala. Melhores, ao lado dela, sempre elogiados e incentivados. Será que tiveram sorte de já nascerem bons alunos?

5. Conclusão

A possibilidade de uma maior interação entre diferentes classes econômicas, devido a fatores locacionais e históricos, pode explicar, em grande parte, o bom resultado acadêmico da Escola do Leme. Consequentemente a chance de imersão em um sistema cultural legitimado frente ao saber escolar garante aos alunos das classes menos favorecidas a possibilidade de êxito escolar.

Outros fatores também contribuem para o resultado positivo da escola do Leme, como a sua localização numa região mais central , beneficiando-se indiretamente das condições oferecidas pela infra-estrutura desses bairros, na maioria das vezes mais bem equipados ou ainda a constituição de uma equipe de profissionais mais estável, com mais organização, visto que, conforme dito acima, profissionais de ensino circulam dentro da rede, buscando o trabalho em escolas mais centrais e mais “fáceis” de lecionar.

Pode-se afirmar que no interior do sistema de ensino surge uma diferenciação: de um lado escolas que conseguem garantir um produto educacional de qualidade e de outro escolas que não oferecem o mínimo de oportunidades. No nosso caso, estamos diante de uma instituição de ensino que de fato consegue reduzir os efeitos da posição social dos alunos sobre o seu desempenho escolar

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira – A qualidade da escola e as desigualdades raciais no Brasil in Beltrão, K. et alli – Os mecanismos de discriminação racial nas escolas brasileiras – IPEA e Ford Foundation, 2005.

BECKER, Howard. Uma teoria da ação coletiva. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 1977

_____ A School Is a Lousy Place to Learn Anything In. American Behavioral Scientist v. 16: p.85-105, 1972

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente `a escola e `a cultura. In: Escritos de educação. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1999

CARVALHO, Maria Alice Rezende. Cidade escassa e violência urbana. Série Estudos, Rio de Janeiro, IUPERJ, n.91, 1995

DUBET, Francois A escola e a exclusão. École des Hautes Études en Sciences Sociales – Cadis. Université Victor Segalen 2 – Bordeaux

ELIAS, Norbert. Ensaio teórico sobre as relações estabelecidos –outsiders. In. Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 2000

FLORES, Carolina. Residential Segregations and the Geography of Opportunities: a spatial analysis of the heterogeneity and spillovers in education. Dissertation. L.B.J. School of Public Affairs. University of Texas. 2005

GOHN, Maria da Gloria. Educação, trabalho e lutas sociais. In.: GENTIL, P. & FRIGOTTO, G.(org.) La ciudadanía de exclusión en la educación y el trabajo, Buenos Aires, CLACSO, 2001

HARVEY, David. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. São Paulo, Espaço e Debates, n.39, p48-64, 1996

HASENBALG, Carlos. Expansão escolar e estratificação educacional no Brasil. In.: HASENBALG, C. ; SILVA, N.V.(org.) Origens e destinos. Rio de Janeiro, Topbooks Editora, 2003

MAGNANI, Jose Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais – v.17 n.49 junho/2002

MELLO, Guiomar Namó de. Políticas Públicas de Educação. Instituto de Estudos Avançados. USP. Dezembro de 1991.

SARAVI, Gonzalo. Segregación urbana y espacio público: los jóvenes en enclaves de pobreza estructural. Revista de La Cepal v. 83. P. 33-48. agosto, 2004.

TURNER, M. A. ; Ellen, I. G. Does neighborhood matter? Assessing recent evidence. Housing Policy Debate. V.8 p.833-866, 1997

VELHO, Gilberto. Projeto, emoção e orientação em Sociedades Complexas. In: Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2004

KAZTMAN, Ruben. Seducidos y abandonados: el aislamiento social de los pobres urbanos. Revista de La Cepal – v.75 p.171-188 dezembro/2001